

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Movimentos na Escola: Algumas reflexões sobre o real e o possível nas oficinas e as práticas do PIBID História 2009/UFSM¹

Neda Maria Diogo Cavalheiro²
Isa Cristina Durand Barbosa Pereira³
Roselene Gomes Pommer⁴
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria RS

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo socializar as ações desenvolvidas pelo projeto PIBID HISTÓRIA UFSM 2009, no período de Abril de 2010 a 2013, nas Escolas Estaduais Edna May Cardoso e Rômulo Zanchi em Santa Maria/RS. Desenvolvido por bolsistas acadêmicos do curso de História, usou predominantemente a estratégia das oficinas em turno contrário, dentro dos critérios de não seriação. Também se constitue numa oportunidade de instigar os acadêmicos para o exercício da docência ampliando o contato dos educandos com os conteúdos da disciplina. As ações fundamentadas em ampla cartografia criaram um movimento na comunidade escolar que alterou sua rotina trazendo elementos de ludicidade que ampliaram a participação e o gosto pelo ensino de História.

Palavras-chave: Oficinas; Docência; Ludicidade; Temas Transversais.

¹ Trabalho apresentado GT4 Comunicações Científicas - Práticas de Extensão e Formação de Professores, do II Encontro de Educomunicação da Região Sul - Ijuí, 27 e 28 de junho de 2013.

² Autora professora supervisora do Projeto PIBID História UFSM 2009 no C.E. Prof.^a Edna May Cardoso. Bolsista CAPES. e-mail nedacavalheiro@globo.com

³ Coautora Prof.^a supervisora do Projeto PIBID História UFSM 2009 no C.E. Padre Romulo Zanchi. Bolsista CAPES.e-mail isacristinapereira@yahoo.com.br

⁴ Coautora. Professora coordenadora do projeto Doutora em História, professora do CTISM e Curso de História da UFSM, e-mail roselenepommer@ctism.ufsm.br.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Quando os Colégios Edna May Cardoso e Padre Rômulo Zanchi foram contemplados com o Projeto PIBID /História/UFSM, 2009 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), sentimos ser uma ótima oportunidade para participar dessa troca de experiências que se mostraria muito profícua por reacender contatos e discussões a cerca da educação que queremos.

O que se percebe e diferencia o Projeto PIBID é a preocupação de que a vivência de situações de docência mais precoces instrumentalizem os acadêmicos para a experiência e o gosto de ser professor, criando situações que facilitem seus estágios.

Vindo ao encontro as necessidades da Escola tão carente de recursos materiais e humanos, com a possibilidade de contar com recursos financeiros para cobrir custos com materiais das oficinas, foi ampliado o leque de oportunidades de atendimento, principalmente pela atuação de vinte bolsistas que em três anos e meio de realizações deram um novo olhar, para o ensino de História, ao mesmo tempo em que puderam complementar lacunas ainda existentes em sua formação.

A escassez de recursos levou diversos autores a posicionar-se como GALLO: “O fato é que o aparente descaso do Estado com a educação pública pode mascarar um interesse muito grande em dar ao povo uma ilusão de educação”. (GALLO:2007 p.8).

Não se trata aqui de tentar justificar apenas com causas externas os problemas vivenciados, mas faz-se necessário a contextualização política, já que a escassez de recursos é histórica nas com administrações que se sucedem.

Ao longo de quatro anos realizamos o total das oficinas abaixo:

ANO	NÚMERO DE OFICINAS	PESSOAS ATENDIDAS
2010	077	1500
2011	103	2316
2012	110	2654
2013 PARCIAL Março abril maio	023	339
TOTAL	313	6809



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Hoje temos um novo perfil de alunos e sociedade, frutos da geração industrial e tecnológica, que vislumbram muito mais atrativos fora das escolas, pois estas continuam contando com quadro e giz como materiais básicos de apoio, ao lado de poucos e defasados recursos tecnológico, como as próprias salas digitais que em pouco tempo se tornam obsoletas frente às inovações. Como a Escola pode se contrapor a avalanche de estímulos visuais, imagens que os jovens têm hoje com o que dispõe?

Como trabalhar de forma diferenciada a diversidade de situações que se apresentam, desde as relações interpessoais, o gerenciamento dos conflitos entre os alunos, entre estes e os professores? Entre os professores pelas suas diferentes maneiras de pensar e agir? Quando encontrar tempo para ler, aprofundar as discussões sobre a educação? Como superar nossas limitações até mesmo quanto ao uso de recursos tecnológicos? Como trabalhar as diferenças étnicas, de gênero, a inclusão, o novo perfil da Escola e Comunidade?

A Escola não tem receitas prontas, fórmulas milagrosas, vive o dia a dia e os professores tem que se adaptar aos modismos das correntes que aparecem na Educação, aos índices de avaliação externa, por serem conteúdistas, por se adequarem ou não ao currículo para o Vestibular, por não preparar para a vida, pela mídia: Cobranças de qualidade sem adequação com a realidade que vivemos em nosso cotidiano.

A Universidade pouco tem contribuído com a escola nessas questões por diversos motivos, entre eles por não reformular seus currículos, colocar nas Escolas o acadêmico tardeamente e pelo forte incentivo à pesquisa com verbas mais abundantes para esses setores e menos para as licenciaturas, contribuindo para aumentar as distâncias com a academia.

Somente participando da rotina da Escola é que podem ser encontradas ações para solução dos problemas. Engajar o acadêmico na comunidade, intervindo com mais ações para modificar a realidade, são o elementos capazes de realizar a verdadeira transformação social, “contribuindo para a emergência de novos sujeitos sociais e novos movimentos sociais.” (SANTOS 2000 p. 256).



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A inserção dos bolsistas nos dois primeiros anos de realização não foi tão fácil como imaginávamos, principalmente em seu primeiro ano, 2010, revelando o quanto estávamos despreparados para recebê-los. O quanto precisávamos aprender para que se adequassem as Escolas, sem perder suas identidades, seus ideais de educação, seus princípios, valores e vontades. Apesar de o projeto ser pautado por normas éticas, como a critica construtiva a Escola, o entendimento da sua dinâmica e o respeito aos saberes construídos ao longo do tempo, os laços de confiança tiveram que ser construídos ao longo do tempo e as novas ações aplicadas dentro dessa realidade foram se inserindo ao cotidiano escolar.

Por parte das Escolas se percebeu resistência de seus componentes, pelo novo que representavam, pois suas propostas de trabalho mudavam a rotina da escola, gerando um ambiente mais barulhento, que desacomodava a rotina que nos dá segurança e controle de quem entra e sai da Escola, ações hoje mais necessárias, além da disputa pelos poucos espaços físicos para as atividades.

Apesar das dificuldades iniciais belas ações foram realizadas a união do grupo não se rendeu as dificuldades e porque tínhamos um norte, que era a forma com que o projeto foi escrito que nos encantou por contemplar ações diferenciadas na Escola, colocando o ensino sistematizado e formal em atividades informais fortemente carregadas pelo lúdico.

E foi este olhar de intervenção no mundo, que nos encantou, o comprometimento com ideais de transformação da sociedade, fazendo com que a falta de prática inicial dos bolsistas selecionados com a questão da docência, fosse sendo superada pelo conhecimento da realidade.

Repensando Freire (1996), ressignificamos no projeto suas palavras quanto à beleza da viabilidade do diálogo como referência pedagógica que nos torna íntimos da realidade. Os bolsistas puderam conhecer a realidade em que vivem os alunos, mostrando sua vontade de intervir nesse mundo, ao aproximarem os conteúdos à realidade deles.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A estratégia das oficinas propostas em CORRÊA, vinha ao encontro dos objetivos do projeto, as oficinas deveriam acontecer no turno oposto em um espaço de:

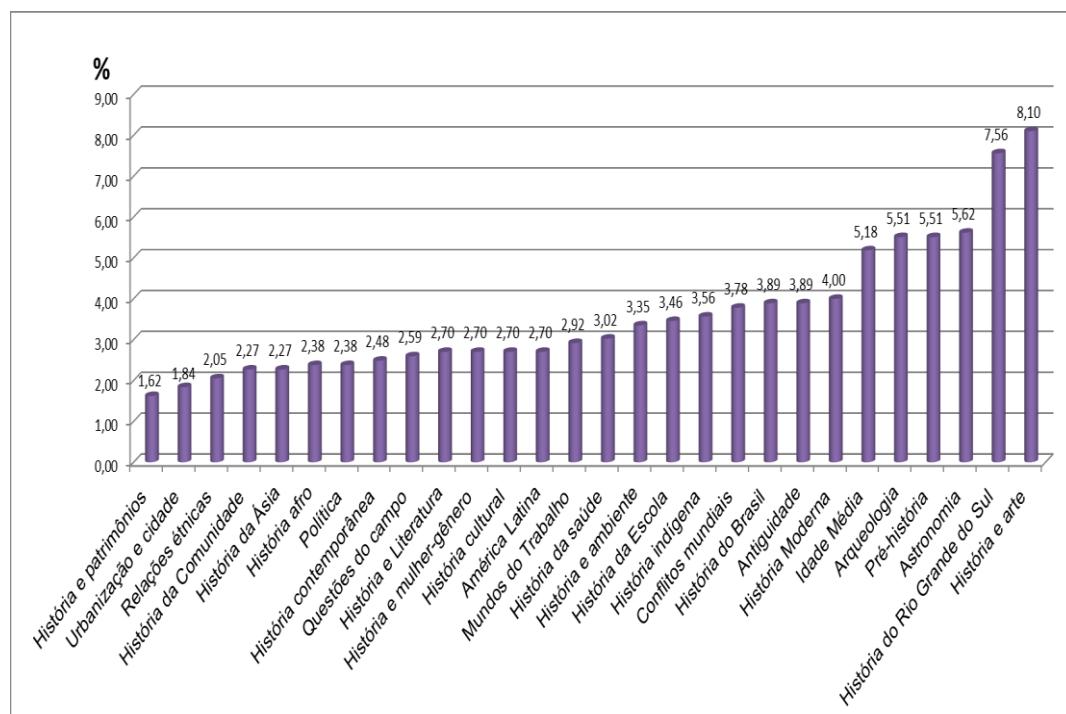
“desorganização” do espaço de sala de aula, desarticulando a linearidade e relação de espaço-tempo que permite que a aula aconteça, constituindo-se um espaço “antiautoritário” que leva “autoeducação” e construção da autonomia tão necessária à aprendizagem”. (CORRÊA (2000: p. 102).

A pouca idade da maioria dos acadêmicos se constituiu numa vantagem por estarem mais próximos em termos de geração, ao lado da minuciosa cartografia foram essenciais como exemplificamos nos exemplos abaixo de formas de elencarmos e respeitarmos a vontade dos estudantes.

Para realizar a cartografia, caminharam pela comunidade, analisaram os livros didáticos conteúdos programáticos, os Planos Políticos Pedagógicos e Regimentos, entrevistaram funcionários, alunos, pais, mapeando o perfil da Escola e comunidade.

Em uma das cartografias realizadas colhemos as sugestões abaixo, transformadas em oficinas:

1. Que temáticas vocês gostariam de trabalhar em oficinas?



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Gráfico um: Resultados em porcentagem do número de temáticas escolhidas pelos estudantes. Fonte: Acervo do PIBID História.

2. Que ações você gostaria que fossem realizadas?

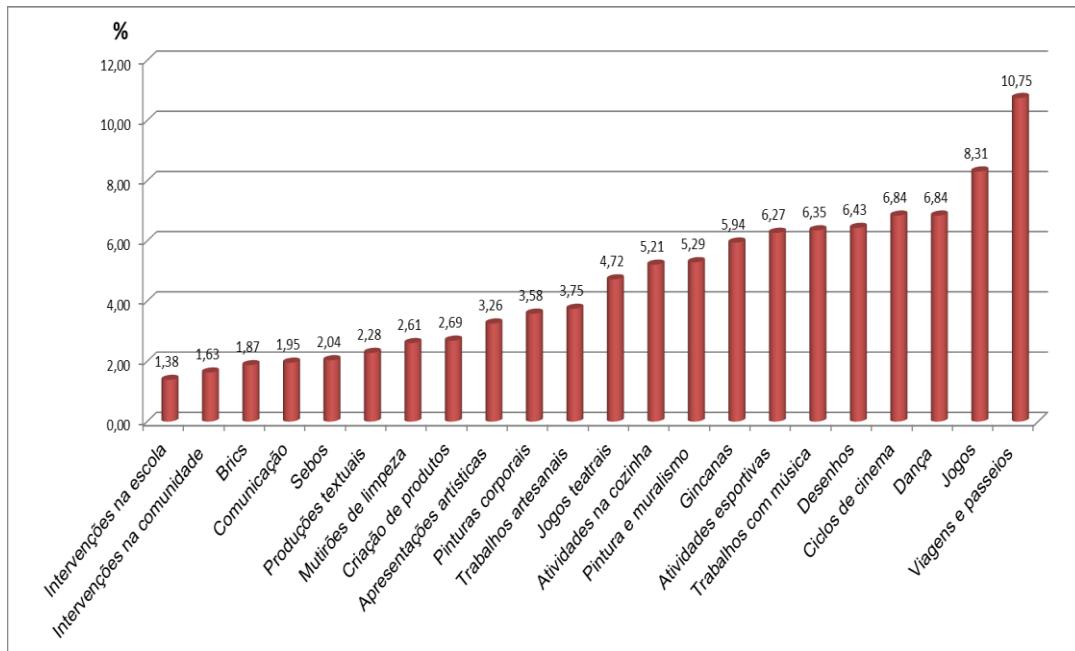


Gráfico 2: Resultados em porcentagem do número de atividades escolhidas pelos estudantes

Outros: Futebol (8), Vôlei, Brincadeiras, Futebol indígena (3), Pinturas em roupas, dança de rua (2), Runescape (2), “Atividades novas com bolas de vôlei, futebol e handebol com História”, atividades no pátio, teatro, luta, defesa pessoal, futebol americano, basquete, apresentações, atividades científicas, pega-pega, caçador, esconde-esconde, artesanatos em roupas, criações com materiais recicláveis, canto, capoeira (2), karatê (2).

As oficinas ampliaram o contato maior com a História, que devido à baixa carga horária apresenta dificuldades de ser desenvolvida, face de complexidade dos conteúdos trabalhados. A vantagem é o número menor de participantes que em uma sala, que aliado a maior flexibilidade, dinâmicas mais atraentes, onde o diálogo flui sem as hierarquias, dentro de eixos temáticos, que por si só, que se contrapõem ao a compartimentação das disciplinas e as rotinas que engessam o professor que tem que atender diversas turmas nos seus turnos.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

A mistura de alunos de diferentes idades dentro dos critérios de não seriação rompeu com os formalismos da linearidade que o ensino formal propõe trazendo ganhos de conteúdos e conhecimentos principalmente para os mais jovens que só teriam a oportunidade de trabalhar com certas temáticas no final do Ensino Fundamental dentro da seriação. . Enquanto isto a Escola continua cheia de regramentos, muito parecidos com os que Foucault (1975) enunciou na obra em que compara a escola a uma prisão: os muros, as grades, cadeados, a arquitetura ou nos mecanismos de controle disfarçados como as provas, as notas.

Mais interessante ainda foram as possibilidade de pensar num coletivo, ter a parceria do outro, coisas que o trabalho isolado dentro do ensino por disciplinas não proporciona e que foi característica mantida pelos participantes do projeto para um grande número das oficinas onde havia temáticas afins, como as oficinas preparatórias para o Bric, Muralismo, Horta Escolar. Assim como outros temas trabalhados como, por exemplo: Literatura, Questão Indígena, Relações estabelecidas com o meio ambiente, Substâncias Psicoativas, Astronomia, Educomunicação, Reforma Urbana, Animes e a cultura japonesa, Africanidades e Mudanças comportamentais do ser humano. Acrescidos em meados de 2012 de outros temas como a História dos brinquedos, Teatro de Fantoches e Gincanas Culturais.

Todas as atividades são problematizadas, sempre com uma proposta lúdica, o que faz com que desta forma, os conteúdos tradicionais da história, considerados por muitos como enfadonhos, se tornem pela metodologia, mais interessantes. Entretanto, há nas oficinas, apesar da informalidade, um rigor científico e clareza dos objetivos desejados que sejam atingidos.

Desta forma, vencendo as barreiras de diversas diferenças, pessoais, idade, ideologia e visão de educação, por meio do diálogo proporcionado pelas reuniões gerais ou de subgrupos, fomos fortalecendo elos, construindo a nossa identidade, que não supõe uniformidade de pensamentos, mas aceitação das diferenças.

CASTELLS (2000) nos leva a refletir sobre a questão das identidades, pois para a construção de um projeto comum, embora respeitando as individualidades, todos trabalham para ajudar a criar formas de recriação de alternativas emancipatórias, capazes



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

de instrumentalizar o público alvo para ações de cidadania que os ajudem a solucionar os problemas que os afligem, com práticas que contribuíssem para a transformação.

No ano de 2011 com os frutos do amadurecimento de nossas relações construídas com as experiências adquiridas, aliados a elaboração de propostas de trabalhos individuais, ajudaram a criar mais ações diferenciadas colaborando para que colhêssemos melhores resultados, mostrando a produtividade dos bolsistas em trabalhar em cima dos problemas elencados na cartografia, bem como a aproximação maior do subprojeto de História, com o corpo docente das Escolas, possibilitando executar um trabalho previamente projetado, a partir dos indicativos da arqueologia e necessidades.

Formaram-se parcerias com alguns professores, em tentativas de trabalho interdisciplinar, trazendo qualidade e criatividade ao trabalho desenvolvido. Por outro lado a escola ficou mais alegre, mais participativa, mais descontraída com as muitas atividades adicionais que se somaram as desenvolvidas pelas práticas escolares do ensino formal, criando um clima agradável, descontraído e esteticamente, mais interessante, já que, as constantes intervenções, oficinas e performances, acabaram por intensificar outro movimento no interior das escolas. Tudo ficou mais bonito não só pelo visual e oficinas, mas pelo afluxo dos alunos que foram se apropriando de espaços como o muro nas oficinas de Arte Mural, contribuindo para ampliação dos debates.

A divulgação das ações em realização nas escolas através do blog pibidhistorianaescola, da página no facebook, criou outros espaços de comunicação, troca de informações, entre os estudantes e bolsistas além dos espaços de compartilhamento das redes sociais. Alternativas essas que nos aproximaram do público jovem, deram visibilidade ao projeto, estimulando as trocas dentro desse ambiente.

Já colhemos diversos resultados, pois os bolsistas integrados a Escola, assumiram junto com os professores, as dores da Escola, as dores dos alunos não mais com o olhar meramente crítico, mas com os olhos do amor pelo outro. Estão mais bem qualificados para a docência se decidirem seguir este caminho, pois chegaram a Escola, bem em termos de conhecimentos teóricos e saem hoje melhor como cidadãos do mundo conhecedores da realidade e por terem contribuído por ajudar na construção de espaços qualificados de aprendizagem diminuindo, as distâncias entre a teoria e a prática, que



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

possibilitaram criar espaços de integração do universo acadêmico com a realidade escolar. Mostraram as Escolas outras eficientes possibilidades de ensino/ aprendizagem, a partir das oficinas problematizadoras do conteúdo de história, evidenciando a necessidade de trabalhar para o rompimento das rotinas, que tanto nos alienam da realidade, das atividades mecânicas que não preparam para a vida.

A imagem abaixo exemplifica algumas ações realizadas, destacando-se, além das oficinas, as inúmeras intervenções que são atividades performáticas com o objetivo de chamar a atenção para o que está sendo realizado na Escola, estimulando o público a participar.



Fonte: acervo do PIBID História. Dados do C.E.profª Edna May Cardoso

Houve o pioneirismo por parte de alguns bolsistas de aproximar o ensino da História as crianças e do grupo todo quando nas atividades coletivas. Embora o projeto fosse destinado ao Ensino Fundamental e Médio, decidiram vencer o desafio de realizar oficinas com as séries iniciais do ensino fundamental e alfabetização de adultos.

II Educom Sul

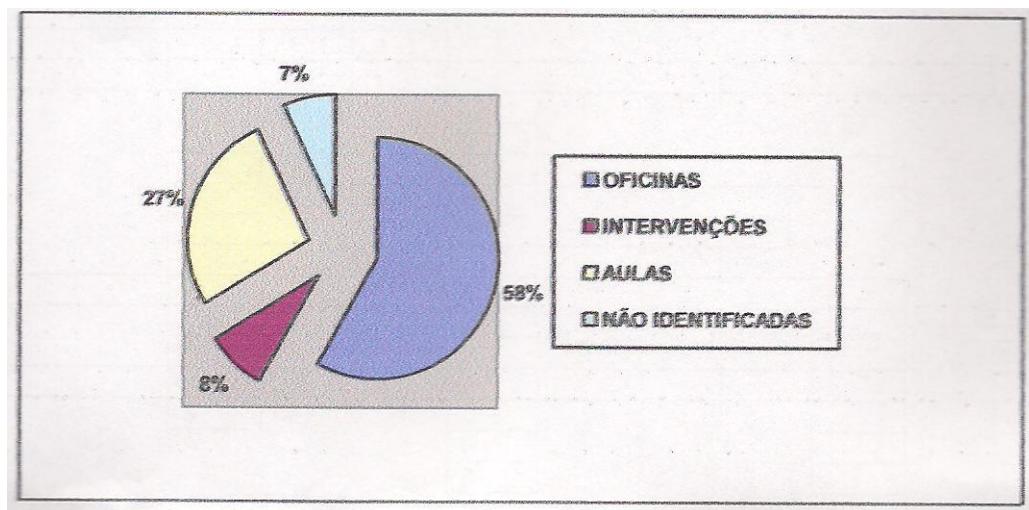
Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Desta forma vivenciando atividades em todos os níveis de ensino da Escola e o desafio de preparar oficinas com adultos em processo de alfabetização conseguiram ampliar o leque de sua formação profissional colhendo os resultados imediatos da espontaneidade das crianças e dos adultos em processo de alfabetização.

Ao entender a história como o estudo da experiência humana no tempo (Thompson 1981), esse trabalho propõe um ensino de história conectado com a realidade dos estudantes, analisando-a e problematizando-a de forma contextualizada, ampliando a interpretação do mundo ao seu redor, se percebendo quanto sujeitos históricos atuantes no processo, no sentido da autonomia, liberdade e coletividade. Através das oficinas, dentro do tema Diversidade Cultural na Escola: Construindo novos olhares, repensando relações sociais, verificou-se a possibilidade de ligar a História a realidade social das comunidades.

As atividades abaixo exemplificam reorganizações feitas dentro do projeto, em 2010 com a maioria de oficinas livre e 2011 com aumento de oficinas em sala:

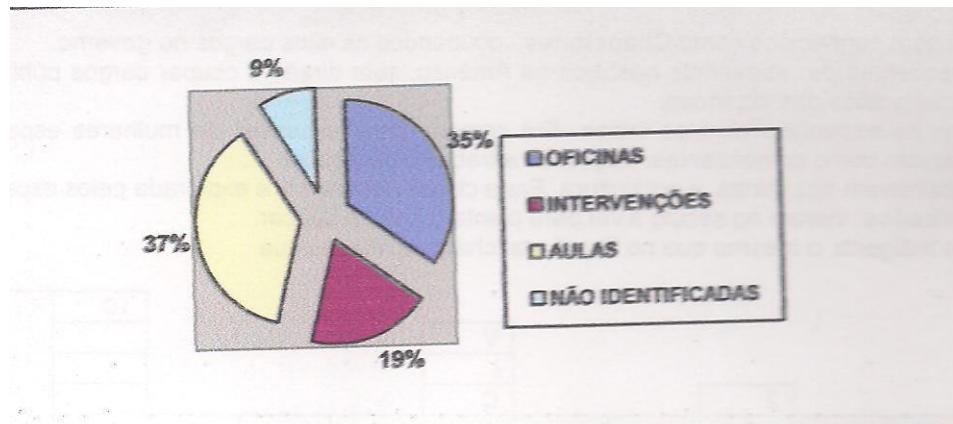


Oficinas de 2010 Fonte: TCC UFSM de Rebeca Ramos Paloma. Educação formal, não formal e informal no Subprojeto: “História e Educação os meandros do Ensino Formal.” p. 34.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013



Oficinas de 2011 Fonte: TCC UFSM de Rebeca Ramos Paloma. Educação formal, não formal e informal no Subprojeto: “História e Educação os meandros do Ensino Formal.” p. 35.

Em 2010 a maioria das ações (58%) aconteceram em oficinas livres em turno contrário, sem seriação e a ampliação de oficinas em sala de aula em 2011 (37%) com diminuição das oficinas livres (35%), como forma de contemplar alunos de séries iniciais e ensino noturno ou parcerias interdisciplinares e desta forma conseguir atender todos os segmentos da Escola que em razão das especificidades do turno (crianças ou noturno) não podiam ser atendidas em oficinas livres, não vinham sendo contemplados com as ações do projeto, estando a margem da diversidade de ações realizadas.

Pensamos que as reflexões aqui postadas, possam contribuir para o projeto, para as práticas dos bolsistas em suas vidas profissionais, para que eles entrem neste universo, conscientes das dificuldades que vão encontrar, pois não vão contar com os recursos que agora disponibilizam no projeto. Para os professores que eles podem construir mesmo dentro do espaço formal, práticas diferenciadas, vencendo as dificuldades estruturais enfrentadas pela Escola, usando materiais tradicionais como os livros didáticos, desde que procurem aproximar o aluno da realidade, do cotidiano, transformando os conteúdos em abordagens menos abstratas e mais aproximadas da realidade, usando imagens e dando ferramentas para eles desenvolvam autonomia e emancipação.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Oficina: Novos Territórios em Educação**. IN: Pedagogia Libertária. Experiências Hoje. São Paulo, Ed: Imaginário, 2000.

FOUCAULT, **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 30^a ed.

GALLO, Silvio. **A educação brasileira numa perspectiva libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PALOMA, Rebeca Ramos. **Educação Formal, Não formal, e Informal no Subprojeto “História e Educação: os meandros do Ensino formal**, UFSM, TCC defendido em janeiro de 2013”.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pelas mãos de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. 5^a edição, Ed. Cortez, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

